

(2007) MÁRIO MACHADO FRAIÃO, *CARTA DE MAREAR*.

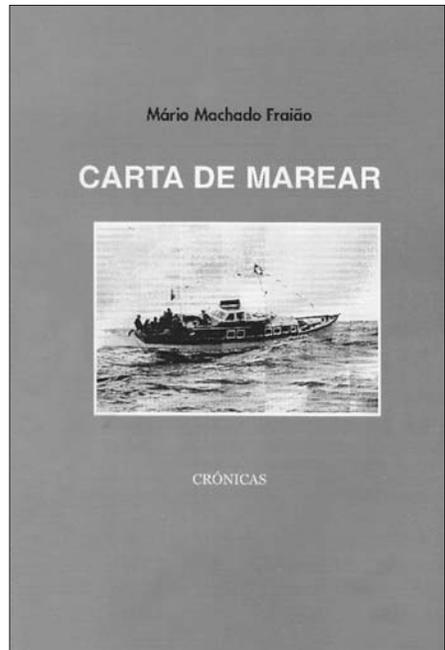
S/L, EDIÇÃO DO AUTOR.

Urbano Bettencourt – Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores. Rua da Mãe de Deus. Apartado 1422. 9501-801 Ponta Delgada Codex.

Decorreram já quase trinta anos desde a apresentação do primeiro livro de Mário Machado Fraião, *Todas as fílarmonicas perdidas e um poema por dizer*, a 21 de Junho de 1980, em Lisboa; no decurso de uma Noite Cultural Açoriana que teve lugar no Grupo de Teatro A Comuna e serviu também para dar a conhecer ao público o número seis da revista *A Memória da Água-Viva* e o número zero de *Aresta* (editada em Ponta Delgada por Emanuel Jorge Botelho e Eduardo Bettencourt Pinto). Nessa sessão foram ainda divulgados os livros *Terra-Mote ou a destruição dos búzios* (de Emanuel Jorge Botelho) e *Marinheiro com residência fixa* (de Urbano Bettencourt), ambos editados em Lisboa pelo Grupo de Intervenção Cultural Açoriano (GICA), igualmente responsável pela edição de *A Memória da Água-Viva*.

A minúcia informativa serve aqui para deixar o sinal de uma série de actividades desenvolvidas em Lisboa, por um grupo de açorianos e «aderentes» agrupados em torno do GICA, e durante um período que vai sensivelmente de finais de 1976 até 1980, altura em que começaram a dissipar-

-se as condições que proporcionaram essa dinâmica editorial e sociocultural que teve sempre o correspondente eco em dois «atentos e fiéis» jornalistas lisboetas, Luís de Miranda Rocha e Fernando Assis Pacheco. A sessão n' A Comuna (onde, aliás, as iniciativas do GICA sempre encontraram bom acolhimento, graças a Natércia Oliveira) constituiu quase uma espécie de acerto de contas e despedida,



pelo menos em termos colectivos e editoriais: os dois livros eram os últimos da colecção Garajau, o número sete (e último) d'*A Memória da Água-Viva* seria publicado já em Ponta Delgada. Neste contexto, o livro de Mário Machado Fraião (Horta, 1952-), em edição de autor, aparecia como um contraponto ao ambiente crepuscular e era o sinal de que outras vezes vinham juntar-se ao coro para assegurar-lhe a continuidade. Os vários volumes de poesia publicados desde esse tempo por Mário Machado Fraião comprovam que ele não estava ali por acaso, mas chegava ao território da palavra com o propósito de demarcar o seu próprio espaço.

E, no entanto, apesar do ambiente de chegada e afirmação, esse título inicial parecia anunciar como que um programa íntimo a que, de algum modo, o poeta se manteve fiel ao longo dos anos, ou seja, um sentido de perda e a consciência do não-feito, uma outra forma, afinal, de experimentar e exprimir a perda. Daí a importância que a memória ganha nesta poesia, enquanto elemento capaz de convocar lugares, gestos e perfis e trazê-los ao fio de um discurso que é um discorrer poético demorado como as mesmas ruas de que fala o poeta, com um nítido efeito coloquial e uma indelével melancolia atlântica.

De certo modo, essa memória errante está também presente nesta *Carta*

*de Marear*. É certo que a crónica, enquanto género, terá mais afinidades com uma proximidade factual, desenvolvendo-se a partir de um evento que desencadeia um processo em que a divagação, a reflexão e a modulação narrativa se interligam e desafiavam livremente. E isto verifica-se, obviamente, nas crónicas de Mário Machado Fraião; mas a cada passo a memória atesta a sua presença, recuperando por associação outras realidades e nomes que perfazem a experiência do autor, em particular a que respeita aos Açores, e à Horta em particular. Um livro ou um filme (e há vários referenciados), um autor ou um jogo de futebol, os dias de vapor, a morte de um amigo, tudo pode servir de pretexto para uma divagação mais abrangente em que a memória pessoal se cruza com a informação histórica para deixar-nos um quadro impressionante de tempos, lugares e pessoas. Uma crónica como «Cafês» (pp. 26-30) parte precisamente da consciência do papel destes durante os últimos duzentos anos, numa deriva intelectual que faz pensar inevitavelmente em George Steiner e na sua afirmação: «desenhe-se o mapa das cafetarias e obter-se-á um dos marcadores essenciais da «ideia de Europa»». Fraião ocupa-se de alguns cafés portugueses que marcaram (ou continuam a marcar) a história cultural ou tão-somente ficaram na

memória pelo gosto e paladares que alimentaram; mas logo de seguida dá um salto até ao centro do Atlântico para recuperar, presentificando-o, o ambiente de cafés como o *Internacional* e o *Volga* e o seu lugar na envolvente social e no tempo distante de uma cidadezinha cosmopolita e, ao mesmo tempo, muito ciosa do seu aconchego e da sua pacatez (o *Peter* merece, *et pour cause*, uma crónica à parte e em exclusivo).

Escritas entre 1990 e 2004, as crónicas agora reunidas por Mário Machado Fraião deixam-nos como que um retrato muito pessoal do autor, no sentido em que atestam a sua resposta e a sua reacção a factos, textos, pessoas que ao longo destes

catorze anos se inscreveram de modo incisivo no seu percurso afectivo, intelectual, cultural. Mas é ainda um retrato composto sob uma forte contenção expressiva, que convive com a emoção a cada passo detectável, quer se trate da evocação nostálgica do passado, quer se trate de desenhar o perfil de um amigo (ou vários) entretanto morto – Rui Duarte Rodrigues ou António Duarte, por exemplo. Vale a pena citar a frase que encerra a crónica sobre este último: «Quando tanta vaidadezinha se passeia alegremente pelas cidades destas ilhas, é sempre bom lembrar aqueles que morrem do coração» (p. 19). É sempre bom, também, ler aqueles que escrevem com o coração. URBANO BETTENCOURT

